

Maria e as outras? A desnaturalização da rivalidade feminina em narrativas híbridas

Maria and the others? The denaturalization of female rivalry in hybrid narratives

DOI:10.34117/bjdv7n7-561

Recebimento dos originais: 15/06/2021

Aceitação para publicação: 27/07/2021

Gabriela Fernanda Rico

Bacharela em Comunicação e Multimeios pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Endereço: Av. Colombo, 5.790, Bloco I-12, Sala 10, Jardim Universitário, Maringá, Paraná, CEP: 87.020-900

E-mail: gabi.f.rico@gmail.com

Fernanda Amorim Accorsi

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Endereço: Av. Vereador Olímpio Grande, s/n - Itabaiana, Sergipe, CEP: 49506-036

E-mail: accorsifer@gmail.com

RESUMO

A competição imposta às mulheres pode causar rachaduras na relação que elas têm consigo mesmo, devido a intensa pressão de ser melhor e ter a outra como inimiga e abalar o convívio e o fortalecimento de vínculos com as demais. Este trabalho tem origem na necessidade de visibilizar o quão preocupante tem sido o cenário comunicacional acerca dessa temática e como os meios são reflexos potencializados de uma sociedade desigual e hostil, especialmente para as mulheres. Diante disto foram analisadas peças comunicativas sobre o tema e elaborado uma história em quadrinhos (HQ) online e experimental para contextualizar e desnaturalizar esse tipo de prática.

Palavras-chave: Rivalidade, feminino, mídia, cultura, sociedade.

ABSTRACT

The competition imposed on women can cause cracks in the relationship they have with themselves, due to the intense pressure to be better and have the other as an enemy and undermine the relationship and strengthening of bonds with others. This work has its origins in the need to make visible how worrying the communication scenario has been about this theme and how the media are potentialized reflections of an unequal and hostile society, especially for women. In view of this, communicative pieces on the subject were analyzed and an online and experimental comic book was created to contextualize and denaturalize this type of practice.

Keywords: Rivalry, female, media, culture, society.

1 INTRODUÇÃO

A rivalização feminina consiste de modo geral em situar diferentes mulheres em um contexto competitivo, transformá-las em concorrentes de “premiações” banais, como ser a mais graciosa, a mais notável, a mais inteligente, instigando-as a se tornarem melhores que as outras para agradar as expectativas sociais organizadas pelo patriarcado.

Este trabalho teve como objetivo levantar um referencial teórico sobre a temática, refletindo sobre o quanto essa prática está presente e enraizada no cotidiano e como a mesma é aprendida e transmitida, apresentando a dualidade entre o protagonismo e o antagonismo da relação imposta ao convívio entre as mulheres. Resultou na produção de uma HQ online que mescla linguagens, formatos e interatividade. Se lida do fim para o começo, percebe-se como uma mulher bem resolvida pode ter passado pela rivalização e, do começo para o fim, como se sobressair as práticas de rivalização feminina.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Auad (2003) define gênero como uma questão não apenas relacionada a sexo ou aspectos biológicos. Mas como o agrupamento de signos daquilo que se entende por masculino e feminino, ou seja, aqueles símbolos que são construídos pelas sociedades ao longo do tempo para compreender masculinidades e feminilidades. Para a autora, a interpretação que os indivíduos fazem dos gêneros é o que motiva as pressões atribuídas aos homens e às mulheres.

O feminino é geralmente correlacionado à intuição, fragilidade e cuidado ao próximo, já o masculino equivale à coragem e à força. O que entendemos por certo ou errado faz parte de um construto social, onde desde os primórdios civilizatórios, e em várias culturas, a mulher é considerada inferior e em alguns contextos até mesmo invejosa, a frase “Sempre que junta muita mulher da confusão” é bom exemplo disso (AUAD, 2003). A autora explica:

É como uma ideia-vírus. Assim como os vírus vão se modificando para não morrerem e nem serem pegos pelas vacinas, algumas ideias também vão “mudando de roupa”, mas sem modificar seu poder destrutivo. Desse modo as ideias-vírus conseguem perdurar ao longo do tempo em diferentes sociedades (AUAD, 2003, p. 26).

A autora atribui esta naturalização negativa ao processo exaustivo de dizer às mulheres até que elas passassem a acreditar. “Tanto foi dito, repetido e praticado que as

mulheres deviam ser protegidas e submissas que se cristalizou a negativa relação entre a proteção, a submissão e o feminino” (AUAD, 2003, p. 23).

Sendo assim, o domínio masculino é exercido de maneiras variáveis. O patriarcado consente e hierarquiza a relação entre os homens, os homens e mulheres, e até mesmo entre mulheres e mulheres. Todos operando na manutenção da opressão feminina.

Tiburi (2016) afirma que nós mulheres aprendemos socialmente a competir, mas ressalta que as mídias e os discursos nelas presentes reforçam essa condição. Para a autora, os filmes e as narrativas sobre mulheres tendem não só a fortalecer a ideologia de sensibilidade, mas a criar a figura da mal amada e traiçoeira, sobretudo quando feita por homens.

Foucault (1996) considera o foco do discurso não apenas o seu significado, mas o imaginário de quem ele se dirige e seus possíveis sentidos. Os discursos institucionalmente enraizados objetivam manter a ordem já estipulada e as verdades “oficiais”, as do grupo dominante.

O autor salienta o discurso não somente como um meio de significação, mas também como fonte de desejo. “Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Sendo assim, o controle do discurso (daquilo que se é dito e aceito) é feito a partir de alguns mecanismos, dentre eles, a separação, onde as vozes e imagens de algumas mulheres são silenciadas, elas não são apenas classificadas, mas para que esse ranqueamento se efetive parte delas é desmerecida e desacreditada.

A mulher mediante a padrões culturais e sociais fixados passa a ser de maneira naturalizada, oprimida e dominada pelo patriarcado. Neste aspecto Silva (2016) converge com Foucault (1996), considerando que o patriarcado o subjuga, reprime e domina.

Por essas estruturas de dominação estarem profundamente arraigadas à sociedade, as mulheres também podem reproduzir discursos e ações que favorecem e legitimam a dominação masculina. A violência entre as mulheres ocorre em função da ordem patriarcal para que não seja abolida, mas, antes, alimentada, — pois há, entre os estudos feministas, a compreensão de que o patriarcado escraviza mulheres com sua própria permissão (SILVA, 2016, p. 47).

Castro e Prado (2012) também confluem com os autores e autoras acima citados por analisarem que a construção dos enredos midiáticos serve para reforçar as relações de poder já existentes. Sendo está uma complexa trama, onde as mulheres não mudam efetivamente esse panorama, porque se sentem de algum modo seduzidas por ele, ofertando ao dominador sua conformidade voluntária.

Os meios não só criam como veiculam práticas culturalmente enraizadas. “Constrói discursos sobre as identidades legitimando as diferenças entre os gêneros através do estereótipo [...] Como se não fossem questionáveis e fizessem parte de sua natureza”. (CASTRO, PRADO, 2012, p.254).

Há na figura feminina a dualidade mítica entre a demônia e a virgem. As primeiras são associadas à insubordinação e às práticas de feitiçaria, já as segundas simbolizam o ideal cavaleiresco, dignas de cultuação, eram essas as musas dos poetas (AUAD, 2003). E essa relação se manifesta também em contos de fadas e mitologias.

Cabe às bruxas e madrastas colocarem os diversos obstáculos que levarão às princesas a se tornarem mulheres mais maduras e preparadas para o relacionamento amoroso. No agón entre princesas e bruxas, o que vemos é, respectivamente, a construção e desconstrução da imagem da boa esposa. Enquanto as princesas são exemplos a serem seguidos, uma vez que são virtuosas, fiéis e corajosas; as bruxas representam uma imagem negativa de mãe e esposa, pois são egoístas, vaidosas e dissimuladas (BRASIL, PATRÍCIA, 2012, p. 632).

Os argumentos acima apresentados colaboraram com a conceituação de como o gênero feminino é comumente social e culturalmente compreendido e qual o papel da mídia na transmissão destes estereótipos. As leituras aqui mencionadas contribuíram para a elaboração da narrativa ficcional, demonstrando que esses processos de submissão persistem, mas que existem caminhos alternativos a eles, o enredo foi concebido através de recursos dinâmicos e atrativos, referenciados abaixo.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Quanto à natureza do projeto, por ter um cunho experimental e buscar desnaturalizar as práticas de rivalização feminina por meio de uma HQ digital, foi usado o arquétipo de Hudson (2009) descrito por Morán (2017) para roteirizar a história.

Para Hudson (2009), a personagem precisa passar por transformações internas para desestabilizar sua redoma para aquilo que até então era esperado dela, mas que a faz mal, florescendo assim seu entendimento e conscientização externa. Valeu-se dos multimeios (fotografias, desenhos, colagens) para ambientar e dinamizar a proposta, se favorecendo dessa mestiçagem para a construção de sentidos e exploração sensorial.

As imagens presentes tanto nas colagens quanto nos desenhos são de sentido mais literal para aproximar figuras de linguagem e imaginário compartilhado entre produção e recepção (DONDIS, 2014).

Coloriu-se a HQ de forma que as memórias têm tons opacos para representar lembranças envelhecidas ou gastas, as lembranças são cinzas, por serem tóxicas perderam a cor, o banheiro tem cores vibrantes para demonstrar a realidade, o desenho é roxo monocromático por representar espiritualidade, reflexão e misticismo e a interação entre o banheiro contempla a técnica glitch arte. Os desenhos possuem hachuras a princípio para demonstrar a tentativa de recriar um vínculo com as demais mulheres e posteriormente uma cor mais lisa e uniforme para transmitir amadurecimento e unificação.

Para os balões de fala, narração e pensamento as tipográficas foram cercadas por retângulos de cores que variam de acordo com a tonalidade que aquele sentimento representa, quanto mais claro (pastel) menos intenso, quanto mais escuro (fluorescente) mais aflorado. Segundo Bastos e Farina (1990), as cores são capazes de transmitir sensações e sua amplitude se modificará conforme seu fervor.

A escolha pela materialização do projeto ser uma história em quadrinhos foi motivada pela crença que este é um meio capaz de despertar curiosidade tanto no público juvenil quanto no adulto. E que possibilita ainda a absorção de aprendizados de maneira lúdica. Esse suporte se configura como uma tecnologia da informação e da comunicação que pode ser inserida em espaços como de cultura, lazer e até mesmo educacional (SERRA, ARROIO, 2009).

Entendendo a mídia como uma importante formadora de opinião e pensando sobre o contexto a qual estamos agregadas, onde, segundo pesquisas do IBGE (2017), as mulheres somam mais da metade da população brasileira, a HQ teve como público alvo mulheres, mais especificamente na fase juvenil. É nesse período, tido como adolescência, que elas estão mais propícias às mudanças tanto corporais, como comportamentais em meio a passagem para vida adulta.

Optou-se pela exposição online pelo fato de a comunicação digital possibilitar novas perspectivas de compreensão imagética e narrativa. Engloba também a audição e num certo sentido o tato (já que toda a navegação e interação é feita com o uso do mouse e teclado), mudando significativamente o paradigma criativo anterior e abrindo espaço para trabalhos de maior sinestesia e interação (FRANCO, 2005).

Para o desenvolvimento do projeto optou-se pela utilização da pesquisa bibliográfica, Stumpf (2006) foi essencial para o direcionamento do trabalho, uma vez que é necessário conhecer os estudos existentes sobre o objeto de pesquisa para estabelecer fundamentos e inquietações para o avanço do mesmo.

A fim de estruturar uma argumentação consistente quanto a importância da HQ buscou-se por uma série de recortes de notícias e imagens em veículos de comunicação sobre rivalidade feminina. De Março a Abril de 2019 foram selecionados 23 peças de comunicação sobre a temática, veiculados em sites de entretenimentos, instagram, canal de youtube, ficções audiovisuais, críticas cinematográficas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após leitura panorâmica de todas as peças, três delas foram selecionadas e exploradas com base nas definições de análise de conteúdo de Bardin (2016). A matéria “Porque Madonna venceu a batalha contra Lady Gaga?” do site Uol (2015) (Figura 1), o filme “Missão Madrinha de Casamento” (2011) (Figura 2) e a crítica de Ethan Van Sciver, quadrinista da DC Comics, a respeito do filme “Capitã Marvel” (Figura 3) (2019).

Para Bardin (2016), a análise de conteúdos busca observar e compreender as significações embutidas nas mensagens e suas formas de compartilhamento. Pretendeu-se identificar os pormenores do que estava sendo dito e como estava sendo feito. Como metodologia essa investigação passa por três estágios, a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação, ambas as etapas estão extremamente conectadas entre si.

A primeira reside na sistematização de ideias, nas escolhas do que serão examinados e na formulação de hipóteses que auxiliarão na interpretação que se fará ao final. Para este projeto foi aplicado as regras de pertinência, assumindo que essa será uma abordagem que irá generalizar os eventos de acordo com a introdução a um universo inicial e especulativo e de representatividade, uma vez que os recortes selecionados configuram os objetivos da análise. O procedimento utilizado será o de exploração onde

por meio do próprio texto seja ele verbal ou visual foi possível aprender e distinguir as variáveis e acepções presentes.

A exploração do material consiste em dar continuidade a sistematização anterior, decodificando o que está sendo dito. Nessa fase foram considerados o contexto, a palavra, o documento como local de transmissão, os atores e personagens envolvidos, a presença, a ausência, os acontecimentos e a intensidade.

O tratamento e interpretação dos resultados obtidos são as significações alcançadas, aquelas que corroboram ou refutam as suposições estabelecidas inicialmente, as estatísticas possibilitadas atuam como validações do que se propôs.

Levando em consideração que tudo comunica e que a maneira como se escolhe fazer isso é feita de modo ou a somar ou a anular determinados sentidos e informações. Verificou-se que o site Uol (2015) (Figura 1) ao publicar na categoria música uma matéria que mais do que comparar, busca supervalorizar uma das cantoras em detrimento da outra, atua na disseminação das práticas de rivalização feminina na mídia. O subtítulo “Original vs Pirata” já induz uma valorização negativa a figura de Lady Gaga. Sem um pretexto evidente a matéria busca atrair visualizações por meio de polêmica e degradação feminina.

Figura 1: As mulheres e a competição na indústria fonográfica



Por que Madonna venceu a batalha contra Lady Gaga?

Original vs Pirata

UOL Música
16/04/2015 05h17

Madonna se rebelou contra os padrões sexuais décadas antes de Lady Gaga. Lançado em 1984, "Like a Virgin" rompeu com visões conservadoras ao apresentar músicas revolucionárias como "Material Girl" e a faixa título; músicas que a consolidaram como um ícone da música pop já na década de 80. Lady Gaga fez o mesmo em "Poker Face" e "Bad Romance", porém, quem você acha que abriu as portas para que temas que antes eram considerados tabus para as mulheres virassem hits nas pistas de dança? Isso mesmo, Madonna!

Além de "Like A Virgin", outro disco clássico da diva foi o conceitual "Erotica" de 1992. O álbum, que era acompanhado por um livro chamado "Sex, a coffee table book" de conteúdo erótico, foi recebido com choque e surpresa pela mídia devido a abordagem direta sobre sexualidade e sexo por Madonna que assumia o alter ego de Mistress Dita. Na época, Lady Gaga nem sonhava com os holofotes já que estava no auge de seus 6 anos de idade.

Fonte: Site Uol Música, 2015.

A matéria de nome “Porque Madonna venceu a batalha contra Lady Gaga?” aloca as cantoras em “pé de guerra”, algo que já existe no imaginário de alguns fãs e não é

estimulada pelas cantoras. Existe uma compilação de motivos que buscam incentivar a aceitação de que necessariamente uma tem que ser melhor que a outra. Lady Gaga é considerada invejosa e menos bem sucedida por utilizar práticas que Madonna já usava antes dela nascer e se inventar na música.

O filme “Missão Madrinha de Casamento” (2011) (Figura 2) é uma narrativa audiovisual que, ao contrário deste projeto, tem como enredo e fonte cômica a relação turbulenta entre duas madrinhas de casamento disputando a atenção da noiva. Estas personagens tentam a todo momento serem melhores umas que as outras, não conseguindo, assim, coexistir. Essa relação quase destrói a amizade de uma delas com a noiva e o próprio casamento.

Figura 2: Rivalidade feminina nas produções cinematográficas

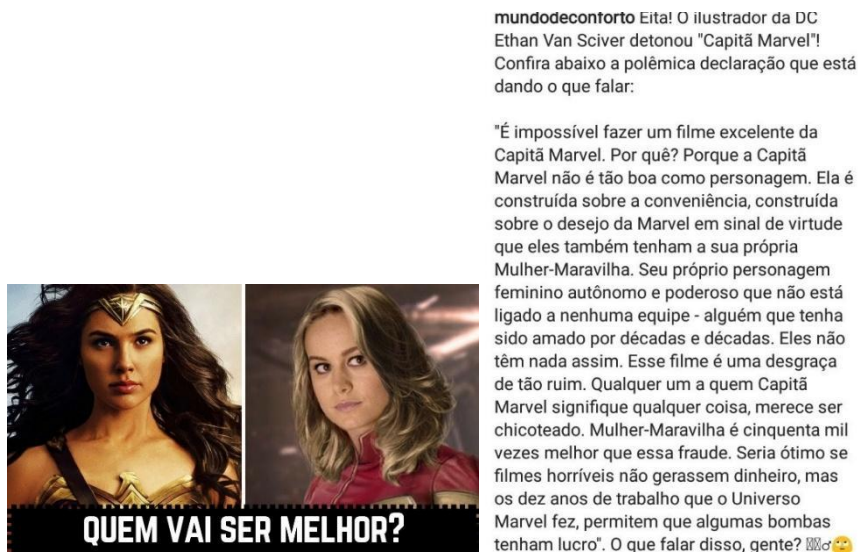


Fonte: Filme Missão Madrinha de Casamento, 2011.

As madrinhas partem de um mal estar perceptivo a boicotes gigantescos umas às outras. Mais do que terem a atenção exclusiva da noiva, essas personagens buscam minar a relação que a outra tem com um grupo de mulheres. Assume-se a postura que esse filme opera no imaginário da mulher como um ser invejoso e incapaz de viver harmonicamente devido a intensa disputa por atenção, agindo assim na reverberação da rivalização feminina na mídia.

A crítica de Ethan Van Sciver, quadrinista da DC, a respeito do filme “Capitã Marvel” (2019) (Figura 3). Postada no instagram do Mundo de Conforto e que teve como ilustração de algumas matérias sobre o mesmo conteúdo uma fotografia da Mulher Maravilha ao lado da Capitã Marvel sobre a legenda quem é melhor, instiga que só uma delas pode ser boa e pura, a Mulher Maravilha.

Figura 3: Crítica de cinema e disputa entre heroínas femininas



Fonte: Instagram Mundo de Conforto, 2019.

Van Sciver afirmou que a Capitã Marvel para além de não ser bem construída e de ter um roteiro fraco sendo um péssimo filme, não passa de uma cópia mal feita de uma guerreira autônoma, feminina e forte como a Mulher Maravilha. A Capitã Marvel é referida ainda como bomba, fraude e cinquenta mil vezes inferior a Mulher Maravilha. O quadrinista da DC ao fazer essa crítica a um lançamento da rival, Marvel Comics, desmerece a Capitã Marvel em todos os sentidos, a compara e a subalterniza ao declarar que ela não chega “aos pés” da Mulher Maravilha. Assim como nos recortes anteriores uma das mulheres é tida como invejosa e menos merecedora de sucesso, o que vemos aqui é o incentivo às práticas de rivalização e a não convivência pacífica das mulheres dentro de um mesmo segmento.

Esses recortes foram feitos não por meio de palavras chaves, mas por uma observação atenta sobre o que os meios publicavam a respeito das mulheres, principalmente as que aparecem na mídia por serem “famosas”. Atuando como uma constante como já citado, as mulheres são comparadas, exaltadas em relação a queda de outras, invejosas, carecem de sucesso a todo custo e não podem existir em igualdade e comunhão, é necessariamente sempre uma disputa, uma competição, onde o prêmio é “dado” a quem consegue humilhar/ se sobrepor a outra.

Tendo em vista o quão nociva essa correspondência tende a ser e como as mídias como formadoras de opinião e projeção estimulam isso, enquanto comunicólogas e mulheres este projeto visou mostrar que a rivalização acontece, mas que não deve ser o único caminho para a conexão que as mulheres têm consigo e com as demais. Um exemplo disso é que este texto é assinado por duas mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto objetivou fomentar uma discussão acadêmica acerca da rivalização feminina, pensar como essa ideia é aprendida e transmitida e principalmente como a mesma se manifesta nos meios de comunicação, visando ser um espaço de contraposição a essa prática.

A revisão bibliográfica utilizada levou a compreensão de que os meios de comunicação, para além de construir narrativas, reforçam estereótipos e práticas já arraigadas na sociedade, criando assim identificações e projeções. O que coloca a mulher em um papel complicado, afinal culturalmente a mesma constantemente é retratada como subordinada e até mesmo invejosa. Existe uma naturalização negativa a respeito da figura feminina a relegando ao papel de submissa.

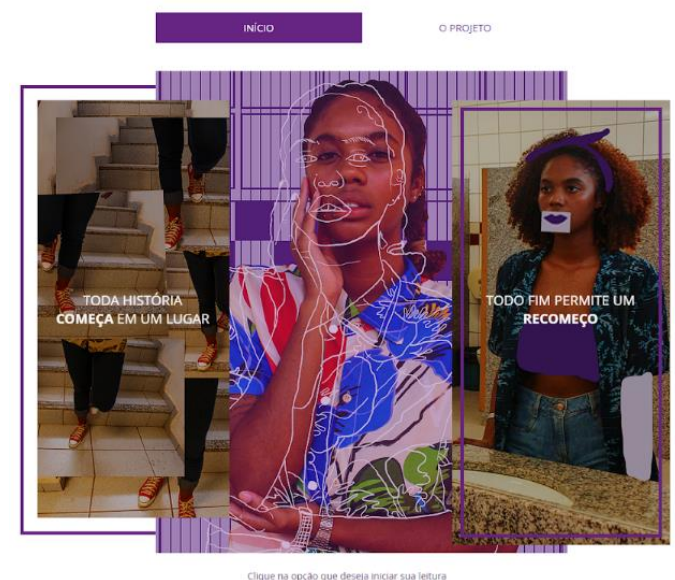
Com o patriarcado, a mulher passa a ser violentada simbolicamente, sendo reprimida e tendo suas relações dominadas. Este é o motivo pelo qual algumas mulheres não se dão conta ou praticam das violências que sofrem contra outras mulheres (AUAD, 2003; CASTRO, PRADO, 2012).

Diante de como isso afeta a vida das mulheres sem que elas percebam, as colocando em papel de eternas rivais, cria-se uma dualidade mítica entre a demônia e a virgem. As primeiras são necessariamente malvadas, egoístas e as princesas, aquelas que são amorosas, dedicadas e altruístas. Entretanto, para além de tendenciosa, esta dicotomia não considera que as mulheres têm identidades fragmentadas e em movimento, que são interpeladas por seus contextos e que apesar de suas semelhanças possuem anseios distintos (AUAD, 2003; BRASIL, PATRÍCIA, 2012).

Refletindo a partir disto e tendo como público alvo o juvenil, por se tratar de uma fase de mudanças e de “concorrência” para entrar na vida adulta, seja por meio do emprego, vestibular. Buscou instigar nestas jovens mesmo que de forma inicial e pequena a não aceitação dessas práticas. A HQ é uma mídia essencialmente imagética o que conversa bem com os tempos que vivemos, podendo interagir com diversas linguagens e causando encantamento entre diversas idades (SERRA, ARROIO, 2009).

A HQ produzida (Figura 4) não possui muitos acontecimentos, mas demonstra que a rivalização pode ser percebida em diversas fases da vida da mulher. Induzindo as mulheres a terem olhares atentos a essas situações, para que passem cada vez mais a negá-la e disseminar isso a quem for possível.

Figura 4: Maria e as outras? HQ experimental sobre a desnaturalização da rivalidade feminina



Fonte: Elaborado pelas autoras, <https://mariaeasoutrashq.wixsite.com/proj>, 2019.

Como a rivalização feminina aloca as mulheres em papel de eternas concorrentes, considera-se necessário e proveitosa a realização deste projeto. Sendo uma jornada de aprendizados e conhecimentos compartilhados de maneira leve e por meio de uma atrativa construção gráfica e narrativa.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é esta?** Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- BARDIN, Laurence; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. **Análise de conteúdo.** São Paulo - SP: Edições 70, 2016.
- BASTOS, Dorinho; FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde. **Psicodinâmica das cores em comunicação.** São Paulo - SP: Edgard Blücher, 5ª ed. revista e ampliada. 2006.
- BRASIL, Pompeu; PATRÍCIA, Francisca. **Bruxas e princesas: sobre rivalidade feminina e a construção da imagem da boa esposa.** In: Colóquio Internacional Centro de Estudios Helénicos (2012). Disponível em: <<https://bit.ly/2PB64hG>>. Acesso em: 22 abril 2019.
- CASTRO, Ana Lúcia; PRADO, Juliana. Corpo e Identidades Femininas: a interdição da mídia. In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 17, n.32. p. 241-259, 2012.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 3ª ed. 1996.
- FRANCO, Edgar Silveira. **Hipermídia & histórias em quadrinhos:** Panorama da Produção Brasileira. Trabalho apresentado ao NP 16 – História em Quadrinhos, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom (2005).
- _____. **Histórias em quadrinhos e hipermídia:** Uma experiência de criação utilizando a hibridização de linguagens. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2005. Disponível em: . Acesso em: 15 abril 2019.
- MORÁN, María Elena. As histórias que (não) nos contam. In: TENÓRIO, Patrícia (org.). **Sobre a Escrita Criativa.** Recife: Raio de Sol, 2017. p. 180 - 194.
- SERRA, Debei Miquelina Glades; ARROIO, Arnaldo. **A construção do quadrinho virtual como recurso para aprendizagem.** IX Encuentro Internacional Virtual Educa, Zaragoza, Aragon. España. 2009. Disponível em: Acesso em: 22 junho 2019.
- SILVA, Ivana Carolina Santos da. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney.** Universidade de Brasília. Departamento de jornalismo, 2016.
- STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ogs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.
- TIBURI, Marcia. Prefácio. In: SOUZA, Babi, **Vamos juntas?** O guia de sororidade para todas Rio de Janeiro- RJ: Galera Record, 1ª ed. 2016.